



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

MOVIMENTO INDÍGENA ORGANIZADO: POLÍTICA, CULTURA E COMUNICAÇÃO

Renata Lourenço dos Santos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: relou.santos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Movimento indígena contra corrente

Este é um estudo que se propõe a revisar o movimento indígena organizado na construção de modelos alternativos de vida para uma sociedade em equilíbrio social e ambiental no mundo moderno. Foi realizado sob três perspectivas: a política, a cultura e a comunicação, e um apontamento geral e rápido demonstrando que, tanto particulares como juntas, elas formam um conjunto de ferramentas contra hegemônicas. Aqui o período analisado vai desde o início das mobilizações indígenas políticas, que se deu no final da década de 1970 do século XX, chegando à atualidade com o uso de tecnologias digitais de comunicação pelos povos. Será um breve percurso bibliográfico de ações, de costumes e de novas linguagens indígenas em favor de um modelo alternativo de vida que ainda caminha contra a corrente do mercado e do capital, impostos pelo imperialismo americano e europeu.

Pontos de defesa e mobilização indígena

Mobilização político social

Reflexões teóricas sobre os indígenas brasileiros marcam o período do final da década de 70 do século XX como o começo de uma estruturação política dos povos, quebrando o silêncio institucionalizado e de suas representações em espaços formais de governo. Ailton Krenak (2015), se refere ao momento de 70 como possibilidade real de representação a nível nacional dos povos indígenas, quando “começaram a se encontrar, começaram a ver que tinham problemas comuns e que podiam encaminhar algumas soluções juntos” (KRENAK, apud COHN 2015, p. 25).

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A União das Nações Indígenas - UNI era uma entidade que se definia como “uma forma institucional de representação, que a gente encontrou para reunir as diferentes nações indígenas e defender organizadamente seus interesses e necessidades” (KRENAK, apud COHN, 2015, p.27). Em abril de 1987 os mais de 100 povos indígenas, se encontram em Brasília para entregar a Proposta Popular de Emenda ao Projeto de Constituição, que contou com aproximadamente 45.000 assinaturas (COHN, 2015).

A emenda foi a primeira grande ferramenta de contraofensiva dos povos do Brasil ao Estado, exigindo pontos fundamentais para sua sobrevivência: demarcação das terras indígenas, reconhecimento da sua organização social, de seus usos, costumes, línguas, tradições e direitos originários, direito ao usufruto das riquezas do solo como condição para economia interna das comunidades indígenas e garantia de seu projeto de futuro, exigiram ainda a alteração de dois artigos da Constituição.

Sobre a promulgação da Constituição em 1988, Baniwa (2006), reitera ter sido uma grande conquista para os povos indígenas, pois dedicou um capítulo para declarar, pela primeira vez, os direitos civis das comunidades indígenas, esse fato “impulsionou e consolidou o processo de surgimento e a existência legal das organizações indígenas, [...] ao reconhecer a capacidade civil dos índios e de suas organizações” (BANIWA, 2006, p. 77).

A mobilização política dos indígenas para juntar povos de todo o Brasil, os debates sobre a Constituinte, os encontros, a conquista da autoestima e dos direitos básicos e o surgimento de políticas públicas definidas para o povo indígena são os responsáveis pela “efervescência étnica” e pela autoafirmação, algo perdido ao longo de séculos de dominação colonial (BANIWA, 2006).

Mobilização cultural

Povos do Nordeste

Os povos indígenas nordestinos passaram pelas mesmas pressões políticas, territoriais, religiosas, culturais que forçaram a maioria dos povos a se esconderem nas cidades do interior, pelos sertões, negando hereditariamente sua origem étnica. A expulsão e dizimação em massa desses povos, mais o preconceito aos costumes

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

tradicionais acabou por fortalecer a negação das identidades tribais regionais, não por vergonha ou descrença, mas para sobreviver (CARVALHO, 2011).

O período de negação se transforma quando as políticas vigentes questionam a originalidade do índio em vias de integração ou já integrado, se eles teriam os mesmos direitos assegurados aos indígenas por não representarem o que o branco achava ser um índio. Essa pressão por legitimidade exigia das indígenas demonstrações de conhecimento e execução dos costumes, das línguas, do uso de vestimentas, da prática de rituais indígenas, como forma de resistência e de luta contra hegemônica diante do Estado. Baniwa (2006, p. 28), refere-se a este período como “etnogênese” ou “reterritorialização”, quando os povos indígenas começam a reassumir seus costumes tradicionais, recriando seus rituais.

As primeiras aldeias nordestinas a entenderem essa associação do direito à auto representação foram as que mantiveram minimamente os seus rituais e conseguiram as demarcações. Saber os cantos e as danças era algo fundamental para o atestado de “indígena” perante os não índios. Lideranças da Bahia, de Pernambuco, Alagoas e Ceará vão se reunindo e fazendo trocas simbólicas, nas quais cada aldeia retransmitia o que sabia e juntas elas passavam a saber mais, fortalecendo a tradição para assegurar a sua terra (CARVALHO, 2011).

Segundo Maria do Rosário Carvalho (2011), a contribuição de cada etnia e seus saberes (toré, política, agricultura, língua) umas com as outras foi o grande trunfo da re colocação das aldeias indígenas do Nordeste. A etnogênese foi um impulso para a autoestima, para o uso da cultura e dos costumes tradicionais como linha primordial de resistência dentro de cada aldeia, a mobilização cultural consolidando mais um elemento que se junta a organização política como forma de resistência étnica no mundo moderno.

Mobilização da informação

A Comunicação Digital e Suas Sementes

Para completar a exposição desse estudo, tem-se a comunicação digital como último componente dessa tríade de ferramentas indígenas que vão de encontro às distopias e ofensivas do mundo contemporâneo. Diante das novas tecnologias da comunicação, as

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

comunidades indígenas se colocam ativas para o processo de adaptação ou de contato. Como afirma Sarlo, eles “demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos ‘discursos de memórias’” (SARLO, 2007, p. 17). Se torna importante possibilitar a comunicação feita do índio para o índio, que se apropria das tecnologias para construir alternativas e contrapontos a uma visão centralizada.

Os meios de comunicação indígenas em geral (vídeo, textos, rádio, internet) comprovam que outras vozes e cosmovisões são possíveis e importantes como ferramentas de preservação e manutenção do equilíbrio de uma sociedade, como escreve Pereira 2010,

[...] lugar de posição de sujeitos, de performatização de identidades e de emergência das diferenças. Destacamos, assim, a sua relação (índio) com os meios de comunicação, portanto, com a ‘mídia’, enquanto suporte da informação e fonte de interação dos sujeitos com as tecnologias comunicativas (PEREIRA, 2010, p. 99).

No contexto indígena a comunicação atua na urgência por visibilizar as diferenças e atualizar a existência dos povos e suas culturas. Ailton Krenak coloca o acesso à tecnologia moderna importante para uma vida indígena sem miséria e justa e Baniwa a considera uma forma de contribuir para o fortalecimento de sua cultura e tradição, “sem que percam a suas identidades, e os modos próprios de ser e de viver” (BANIWA, 2006, p.90).

A comunicação digital inverteu a lógica hegemônica, tornando os consumidores de informação, também coprodutores do conteúdo final, seja ele cultural, educativo ou de propaganda. De posse dessas ferramentas, os indígenas ressignificam os meios de comunicação, seus conteúdos e linguagens, desempenhando papel fundamental na reconstrução da realidade social (BACCEGA, 1998).

CONCLUSÃO

Conquistas dentro da distopia

As três esferas brevemente apresentadas demonstram combinações de diversas formas de lutas e agentes, de compromissos e participações distintas, na construção de

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

um espaço público favorável ao embate às propostas políticas capitalistas, ofensivas, hegemônicas e distópicas.

Não se pode, no entanto, acreditar que esses três pontos são as únicas ações de sobrevivência dos povos indígenas no Brasil, com certeza desenvolveram outras formas fundamentais para se manterem vivos, bem como boa parte das matas e florestas nacionais. Mesmo com o atual governo brasileiro, violentando direitos e vidas indígenas e considerando-os como inimigos, os povos seguem um caminho de lutas e de resistências aos modelos distópicos e contraofensivos, com resultados e conquistas positivas não só para suas aldeias, mas em nome de toda uma nação nacional e mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Indígena; Política; Cultura; Comunicação; Contra Hegemonia.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação. São Paulo, 1998.

BANIWA, Luciano Gersem dos Santos. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

CARVALHO, Maria do Rosário G. "A Identidade dos Povos do Nordeste". Anuário Antropológico 82. Brasília: Tempo Brasileiro, 1984.

COHN, Sérgio (org.). Ailton Krenak. Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

PEREIRA, Eliete da Silva. Pós-modernidade e mídias nativas: a comunicação indígena brasileira audiovisual. Comunicação e sociedade, vol. 18, 2010. Disponível em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/download/989/956>. Acesso em: 12/12/2017.

SARLO, Beatriz. Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.